

Artigos

Reflexões sobre sexualidade e gênero na perspectiva de D. W. Winnicott

Alexandre Patricio de Almeida

Resumo. Este artigo visa discutir a sexualidade e o gênero na contemporaneidade, baseando-se nas teorias do psicanalista britânico D. W. Winnicott. Suas pesquisas sobre o gesto espontâneo, o exercício da criatividade e o ser como uma condição essencial à ação são fundamentais aqui. Assim, expandimos o âmbito da pesquisa para mostrar que, segundo Winnicott, somos o resultado da união do masculino com o feminino, sem recorrer a estereótipos ou binarismos. Esses elementos se manifestam no ser e no fazer, características essenciais à nossa sobrevivência e que possibilitam uma integração psicossomática autêntica à nossa existência. Finalmente, esperamos que este ensaio contribua para desmontar uma visão reducionista e ampliar a compreensão da complexa dimensão que perpassa a essência humana.

Palavras-chave: sexualidade; gênero; psicanálise; criatividade; Winnicott.

Reflexiones sobre la sexualidad y el género desde la perspectiva de D. W. Winnicott

Resumen. Este artículo tiene como objetivo discutir la sexualidad y el género en los tiempos contemporáneos, basándose en las contribuciones teóricas del psicoanalista británico D. W. Winnicott. Sus investigaciones sobre el gesto espontáneo, el ejercicio de la creatividad y el ser como condición esencial para la acción son fundamentales aquí. Por lo tanto, ampliamos el alcance de la investigación, mostrando que, según Winnicott, somos el resultado de la unión de lo masculino y lo femenino, sin recurrir a estereotipos o binarismos. Estos elementos se manifiestan en el ser y el hacer, características esenciales para nuestra supervivencia y que permiten una integración psicossomática autêntica a nuestra existencia. Finalmente, esperamos que este ensayo contribuya a dismantlar una visión reducionista y ampliar la comprensión de la compleja dimensión que atraviesa la esencia humana.

Palabras clave: sexualidad; género; psicoanálisis; creatividad; Winnicott.

Reflections on sexuality and gender from D. W. Winnicott's perspective

Abstract. This article aims to discuss sexuality and gender in contemporary times, drawing on the theoretical contributions of the British psychoanalyst D. W. Winnicott. His research on spontaneous gestures, the exercise of creativity, and being as an essential condition for action are pivotal here. Thus, we broaden the scope of the research, illustrating that, according to Winnicott, we are the product of the union of the masculine and the feminine, without resorting to stereotypes or binarisms. These elements are embodied in being and doing, key

* Psicanalista. Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil. E-mail: alexandrepatriciodealmeida@yahoo.com.br

features for our survival and enabling a genuine psychosomatic integration into our existence. Ultimately, we hope this essay contributes to dismantling a reductive view and expanding the understanding of the complex dimension that runs through human essence.

Keywords: sexuality; gender; psychoanalysis; creativity; Winnicott.

Réflexions sur la sexualité et le genre du point de vue de D. W. Winnicott

Résumé. Cet article vise à discuter de la sexualité et du genre dans les temps contemporains, en se basant sur les contributions théoriques du psychanalyste britannique D. W. Winnicott. Ses recherches sur le geste spontané, l'exercice de la créativité et l'être comme condition essentielle à l'action sont fondamentales ici. Ainsi, nous élargissons le champ de la recherche, illustrant que, selon Winnicott, nous sommes le produit de l'union du masculin et du féminin, sans recourir à des stéréotypes ou binarismes. Ces éléments se manifestent dans l'être et le faire, des caractéristiques clés pour notre survie et permettant une intégration psychosomatique authentique dans notre existence. Enfin, nous espérons que cet essai contribue à démanteler une vision réductrice et à élargir la compréhension de la dimension complexe qui traverse l'essence humaine.

Mots-clés : sexualité ; genre ; psychanalyse ; créativité ; Winnicott.

Escrever sobre Winnicott, sexualidade e gênero certamente não é uma tarefa fácil. A seguir, menciono três motivos para justificar tal afirmação.

O primeiro ponto a considerar é que a obra de Winnicott é vasta e foi publicada em diferentes coletâneas, a maioria organizada postumamente a partir de palestras e conferências realizadas ao longo de sua vida. O único livro escrito por Winnicott seguindo o formato comercial tradicional, que mais ou menos sintetiza suas ideias, é “Natureza humana” (“Human Nature”, 1988). Este livro foi editado após sua morte por sua esposa, Clare Winnicott, e por isso é considerado inacabado.

Diante desse panorama, um tanto desorganizado para fins acadêmicos – frequentemente passamos mais tempo buscando referências do que propriamente escrevendo –, compreender suas ideias exige um período significativo de estudos e dedicação. Além disso, muitas interpretações de Winnicott são reduzidas a caricaturas que repetem termos consolidados por ele, como “mãe suficientemente boa”, “falso-self” e “objeto transicional”. Essa abordagem diminui a importância de suas contribuições teóricas e clínicas, criando a falsa impressão de que Winnicott apresenta um mundo excessivamente idealizado, ou de que as suas elaborações são relevantes apenas na psicanálise infantil. Tais simplificações contribuem para uma imagem estereotipada do autor britânico como o “vovô bonzinho da psicanálise”, sendo esta uma visão extremamente superficial e limitada.

Em segundo lugar, muitas pessoas leem Winnicott selecionando apenas partes de suas ideias para articulá-las com temas específicos de interesse. É como se construíssemos um edifício sem os alicerces ou, ao contrário, cravássemos os pilares em solo firme, mas negligenciássemos os acabamentos. A obra de um grande autor não deve ser comentada ou compreendida de maneira fragmentada, a não ser que esses fragmentos dialoguem com toda a sua vastidão epistemológica. Curiosamente, isso ocorre justamente com um dos temas que abordarei neste artigo: a *sexualidade*.

É comum a ideia de que ao desconsiderar a metapsicologia freudiana (ver Fulgencio, 2018) e o conceito de instinto de morte, Winnicott também abandona as teses psicanalíticas relacionadas à sexualidade. Todavia, o que ocorre é justamente o contrário: isto é, a partir de sua teoria do desenvolvimento maturacional, o psicanalista inglês delineou uma nova

compreensão do sexual que é inerente à existência humana – com todas as suas variabilidades, conforme apontou Freud em 1905.

Contudo, quando não há disponibilidade para mergulhar *a fundo* no pensamento de um autor, muitos pesquisadores que se identificam com as suas ideias, passam a produzir mais do mesmo, renegando as múltiplas questões que tangenciam a nossa contemporaneidade – como acontece com o debate que gira em torno das questões de gênero e a predominância do pensamento heteronormativo que assombra o fazer (e o pensar) analítico. Concordo com Figueiredo (2022), quando ele afirma que é fundamental a “inserção do analista na cultura e na sociedade” (p. 148). Para tanto, é preciso considerar a dimensão social e política do nosso trabalho – o que Freud fez muito bem, diga-se de passagem.

Em terceiro lugar, penso que é um grande desafio desdobrar esses temas sob a perspectiva winnicottiana. Além de encontrar poucas referências no campo, a psicanálise, ao debater gênero e sexualidade, muitas vezes fica, mesmo que inconscientemente, aprisionada às teses de Freud e Lacan. Isso ocorre tanto ao acobertar erros cometidos por eles, especialmente em afirmações de teor machista e sexista, recorrendo à desculpa de que “eram pensadores de sua época”, quanto ao utilizar algumas ideias retrógradas para justificar tais premissas, defendendo que ambos foram suficientemente subversivos para afastar a psicanálise de uma moral e ética baseada nos bons costumes.¹

E não que não tenham sido, de fato, subversivos. Sobre isso, penso, sobretudo, que deve haver uma conciliação de ideias; ou seja, é preciso articular a tradição com as demandas da contemporaneidade – tal movimento pode ser identificado, atualmente, em diversos campos psicanalíticos e na escrita de inúmeros autores (ver Ambra, 2022; Cunha, 2021 e Porchat, 2012). Em suma, é preciso ler Freud com cuidado, pois ele próprio era um cientista humilde que vivia se reinventando, acrescentando notas de rodapé em vários ensaios de sua autoria. Em sua vasta obra, o mestre de Viena propõe diferentes indagações e, consecutivamente, esboça uma quantidade significativa de respostas nada categóricas.

Evidentemente, concordo que Freud subverteu várias questões ao publicar “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). No entanto, nessa mesma obra, ele categoriza a homossexualidade como *aberração*, referindo-se aos homossexuais como “invertidos”. Por sua vez, Lacan, ao considerar o falo como um significante e ao propor a noção de “Nome-do-Pai”, também foi influenciado por uma lógica moralista e heteronormativa, apesar dos seus esforços para formular a ideia de funções (materna e paterna). Segundo Lacan, a mãe deve prover cuidados marcados por um interesse particularizado, inclusive através de suas faltas, e o pai deve ser responsável pela imposição da castração, “na medida em que seu nome é vetor de uma encarnação da Lei do desejo” (Lacan, 1969/1988, p. 369). Nesses termos, emergem os conceitos de “desejo materno” e “metáfora paterna”, que, apesar dos esforços para serem progressivamente desconstruídos, continuam impregnados pela retórica de uma cultura diretamente herdeira do patriarcado e da lógica binária.

Portanto, não se trata nem de ‘cancelar’ Freud, nem de salvá-lo. “O próprio psicanalista se colocava diante de impasses teóricos, e nos furtarmos de produzir impasses é um modo de obstaculizar a crítica, tornar a psicanálise estagnada [...], produto das exigências morais de seu tempo, em vez de à altura das transformações sintomáticas epocais” (Moreira, 2023, n.p.). Com efeito, é preciso, pois, produzir uma autocrítica no interior da psicanálise, a partir das condições e contradições fornecidas por ela mesma. Afinal, como o próprio Winnicott afirmou uma vez:

¹ Sobre esse debate, recomendo a leitura do livro “Édipo gay: heteronormatividade e psicanálise” de Jorge N. Reitter, lançado, no Brasil, pela editora Zagodoni, em 2021.

“[...] *é impossível ser original, a não ser com base na tradição*” (1971c/2019, p. 160, grifos originais).

Não obstante, é necessário reconhecer outro grande problema. Nos círculos psicanalíticos que debatem sobre gênero, sexualidade e psicanálise, é raro encontrar analistas com domínio de teorias que vão além das freudianas e lacanianas². Assim, acredito que, se quisermos realmente desconstruir para reconstruir, precisamos considerar alternativas para realizar isso sem exaltar excessivamente o “pai da horda primeva”, o que pode levar a uma espécie de alienação doutrinária. É curioso observar que, recentemente, há um movimento de idealização na psicanálise, que parece enfatizar, sobretudo, autores que são homens, brancos e heterossexuais – basta observar o número crescente de analistas brasileiros que se intitulam lacanianos e winnicottianos, principalmente.

Apesar da forte presença do kleinismo – movimento inspirado em Melanie Klein – no Brasil durante a década de setenta e no início dos anos oitenta, atualmente são poucos os analistas que se identificam como “kleinianos” (conforme apontado por Mezan em 2014). É notável que o nome de Melanie Klein, uma mulher divorciada e carinhosamente referida por Lacan como “a tripeira inspirada” (*la tripière inspirée*), que além disso não possuía formação universitária, esteja sendo gradativamente e silenciosamente apagado da história da psicanálise brasileira (sobre isso, recomendo a pesquisa baseada em dados quantitativos de Almeida, 2023a).

Isso posto, a minha premissa é a seguinte: se temos dificuldade para ler e ouvir diferentes perspectivas dentro de nossa própria ciência, provavelmente enfrentaremos resistências semelhantes ao escutar sons que divergem de nossas melodias habituais. Ao nos limitarmos a um único autor, criamos um abismo entre o que é teorizado e o que é aplicado na prática. Muitas vezes, os escritos de um autor podem e devem ser enriquecidos com outras fontes, desde que estas sejam estudadas profundamente e com seriedade. Entretanto, na busca por uma intelectualidade que tende a alimentar apenas o nosso ego, acabamos por afastar os verdadeiros destinatários de nossas pesquisas – como a própria comunidade LGBTQIA+, marcada por cicatrizes profundas de violência e exclusão.

Por outro lado, ao abordarmos esse tema, devemos fazê-lo de maneira clara e envolvente. É essencial trazer exemplos, sejam eles do cotidiano, da prática clínica, do sofrimento ou das variadas formas de subjetivação. Essa abordagem era uma característica marcante de Winnicott, que defendia: “Um escritor que se debruça sobre a natureza humana precisa ir ao encontro de uma linguagem simples e para longe do jargão do psicólogo, mesmo que esse jargão possa ser valioso em contribuições para revistas científicas” (Winnicott, 1957/2021, p. 150).

Se o nosso objetivo é explorar as novas maneiras de entender o gênero e a sexualidade, é crucial começar questionando o nosso próprio processo formativo. Refiro-me aqui não apenas à adesão quase religiosa a Freud e a Lacan, mas também ao modo como abordamos todos os autores estudados e defendidos de forma parcial, o que resulta na formação dos conhecidos analistas “ianos”, seguidores fervorosos de uma única escola ou pensador. É essencial, portanto, ampliar a nossa visão teórico-clínica e abraçar uma perspectiva mais diversificada e crítica em nossa formação (ver Almeida, 2023a).

Uma vez, escutei de um professor, que possuía uma sensibilidade admirável, a seguinte expressão: “Se colocarmos a teoria como prioridade em nosso fazer clínico, o paciente será

² Neste contexto, é importante destacar que outros autores têm sido incorporados a esse debate em nossa comunidade científica, sendo abordados com cuidado e rigor epistemológico. Entre eles, destacam-se as ideias de Sándor Ferenczi e Jean Laplanche, por exemplo. Essa inclusão enriquece a discussão, trazendo perspectivas diversas e complementares às já estabelecidas.

automaticamente anulado”. O que espero dizer com tudo isso? É que o objetivo deste trabalho, embora seja tecer um “télós”, um diálogo entre a teoria de Winnicott e as questões de sexualidade e gênero, não é, de modo algum, explicar o porquê disso ou daquilo – ou seja, a origem das formas de ser e estar no mundo.

Desejo, além disso, lançar um olhar amplo sobre as múltiplas facetas da angústia e do sofrimento psíquico relacionados a esses temas. Talvez a teoria winnicottiana entre aqui neste espaço para exercer a função de uma lupa, tanto no que tange à nossa compreensão dos fenômenos clínicos quanto às formas de conduta e manejo diante de pacientes que trazem histórias tão singulares, atravessadas pela dor, pela exclusão e por preconceitos.

Algumas considerações acerca do gesto espontâneo

A questão que tem norteado a busca da psicanálise a respeito da homossexualidade tem sido: como ela se origina? E não em como posso ajudar esse sujeito que é homossexual, e que não tem por que deixar de sê-lo? Poderiam me objetar que a pergunta a respeito da neurose foi também: como se origina a neurose? Mas aí está justamente uma armadilha perigosa, pois a neurose é um problema a ser resolvido (na medida do possível) na vida das pessoas; “neurose” é a maneira de nomear os obstáculos que o sujeito encontra para se realizar como tal; *enquanto a homossexualidade é justamente um aspecto do modo de alguém gozar/desejar/amar sexualmente, não um problema a ser resolvido.* (Reitter, 2021, p. 62, grifos meus)

Quando eu tinha cerca de sete anos, minha mãe foi convocada para uma reunião na escola onde eu estudava para discutir com a coordenadora pedagógica sobre o meu comportamento “atípico”. Resumidamente, a coordenadora expressou uma preocupação com o meu desempenho incomum para um menino, sobretudo em relação à minha preferência por amizades e brincadeiras com meninas e minha “aversão” às partidas de futebol, única atividade disponível nas aulas de educação física para os meninos. Ela também enfatizou que o meu modo de agir (e ser) não era muito masculino, o que poderia trazer certos “prejuízos sociais” – segundo ela – naquela época e no futuro.

Guardo na memória a imagem clara de minha mãe voltando para casa naquele dia: estava visivelmente abalada e deprimida. Seu olhar para mim era de piedade e inconformismo, enquanto lágrimas deslizavam por seu rosto. Mesmo sabendo, é difícil compreender. Eu percebia que algumas de minhas ações eram consideradas “erradas” porque alguns colegas zombavam de mim, me chamando de “bichinha”, mas não entendia o motivo. Após horas de um silêncio ensurdecedor, minha mãe decidiu compartilhar os detalhes da conversa com a coordenadora e disse que tentaria encontrar mais “amigos” para mim e que faríamos mais “atividades masculinas” juntos. Diante disso, fiquei bastante confuso: sobre o choro de minha mãe, a necessidade de novos amigos e o propósito daquela conversa na escola. Tudo isso formava um emaranhado de emoções que gerava uma imensa culpa em ambos. Assim, formamos um pacto baseado em um “erro” sem origem; não era meu, nem dela. Lembro-me de uma frase frequentemente dita por um de meus pacientes: “naquela época eu não sabia, eu apenas existia”. E por que a minha maneira de existir incomodava tanto a coordenadora e, por extensão, a escola?

Bom, a verdade é que minha mãe nunca foi capaz de colocar em prática as medidas de “contenção” para a minha homossexualidade – medidas essas sugeridas pelo colégio. Muito embora as palavras da coordenadora tivessem assombrado por anos os seus pensamentos,

estremecendo as bases que consolidavam a sua função materna, minha mãe percebeu, de imediato, a dimensão do sofrimento que seria imposto a mim, caso viesse a interromper a espontaneidade característica da minha essência.

Sendo filho único e criado principalmente por minha mãe e minha avó paterna, onde e como eu poderia encontrar referências para os “padrões masculinos” esperados? Meu próprio pai, um caminhoneiro que passou a maior parte da minha infância viajando – mas sempre presente nos momentos cruciais –, também detestava futebol e nunca assistia aos jogos em nossa TV. Ao contrário, considerava tudo aquilo uma grande perda de tempo. Por sorte, ele adorava ler jornais aos domingos e jogar videogame comigo nas horas vagas. Guardo lembranças afetuosas, entre várias que moldaram o meu ser, preservando os meus núcleos mais preciosos. Talvez não seja coincidência que Winnicott tenha afirmado: “No centro de cada pessoa há um elemento não-comunicável, e isto é sagrado e merece muito ser preservado” (1963/1983, p. 170).

É importante, nesse contexto, entender o conceito de saúde ou de indivíduo saudável na perspectiva winnicottiana. Ao contrário de Freud, Winnicott não categorizou a homossexualidade como perversão, aberração sexual ou paranoia. Embora influenciado pelos padrões heteronormativos de sua época, ele parece ter se libertado com mais facilidade de alguns modelos impostos, especialmente pela cultura e pela psiquiatria. Para o psicanalista britânico, a saúde se baseia na premissa de que o indivíduo possa se sentir real, vivendo de forma criativa. “Para ser criativa, uma pessoa tem *que existir, e ter um sentimento de existência*, não na forma de uma percepção consciente, e sim como uma posição básica a partir da qual operar” (Winnicott, 1966/2021, p. 43, grifos meus). Nesse sentido, “a criatividade é o fazer que, gerado com base no ser, indica que aquele que *é, está vivo*” (Winnicott, 1966/2021, p. 43, grifos do autor). Portanto:

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada tanto por medos, sentimentos conflituosos, dúvidas e frustrações como por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher *sintam que estão vivendo a própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir o crédito pelo sucesso e a culpa pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo passou da dependência para a independência, ou para a autonomia. (Winnicott, 1967/2021, p. 29, grifos do autor)

Winnicott propõe que todos nascemos com uma tendência inata à integração, que se concretiza principalmente através dos cuidados recebidos do ambiente, tais como o *holding* (segurar, acolher, aquecer etc.) e o *handling* (manusear, banhar, trocar etc.). Durante a fase de extrema dependência e vulnerabilidade do lactente, a presença de uma mãe totalmente dedicada – que o autor chama de “mãe devotada comum” – aos cuidados requeridos pelo bebê é crucial, visto que mãe e filho estão fusionados e o bebê ainda não distingue entre o Eu e o não-Eu. Daí a famosa expressão de Winnicott: “Não existe essa coisa que vocês chamam de bebê”.³

O termo “integração”, conforme usado por Winnicott, refere-se tanto à predisposição inata para o amadurecimento quanto às várias integrações parciais que ocorrem gradualmente ao longo da vida, a partir de um estado de não-integração. Assim, a tarefa de integração no tempo e no espaço se destaca como a mais básica e vital para o desenvolvimento do bebê. Sem ela,

³ No texto “A ansiedade associada a insegurança” (1952), Winnicott escreve que há uns dez anos atrás ele havia provocado uma verdadeira confusão na Sociedade Britânica de Psicanálise ao enunciar a frase: “Isso que chamam de bebê não existe”. O autor se justifica, explicando melhor o gostaria de ter dito: “[...] se vocês me mostrarem um bebê, mostrarão também, com certeza, alguém cuidando desse bebê, ou ao menos um carrinho ao qual estão grudados os olhos e ouvidos de alguém. O que vemos, então, é ‘a dupla de cuidados’” (Winnicott, 1952/2021, p. 215).

não há como estabelecer um sentido de realidade, e o infante ficará perdido em um abismo sem fim (Almeida, 2023b).

Embora esse processo de integração se inicie nos primeiros anos de vida, ele se desenrola ao longo de toda a infância, adquirindo novas formas e conexões que podem ou não favorecer essa dinâmica espaço-temporal.

Como exemplo, relato o caso de um paciente homossexual que, ao relatar passagens de sua infância, afirmou que enquanto assistia às gravações de vídeos que continham o registro dos encontros familiares, foi arrebatado pela percepção de que todas as vezes que a câmera focava em seus “trejeitos femininos”, o pai – que era quem comandava as filmagens – cortava a cena e passava para outro núcleo da família. Ele tinha quatro anos naquela época. Esses “cortes” repercutiram em seus modos de ser e de estar no mundo. Muitas vezes, ele afirmava se sentir deslocado em algum determinado lugar, por mais que as pessoas o acolhessem com ternura. Além disso, costumava trocar o dia pela noite, precisando recorrer às medicações para pegar no sono. “Quando eu tenho crises de insônia, reparo que as horas não passam e cada segundo do relógio denuncia um furo da minha *existência*”, dizia-me angustiado.

Voltemos, pois, à teoria winnicottiana. Integrar uma criança no tempo e no espaço não implica, necessariamente, inseri-la no mundo externo, especialmente nos primeiros estágios da vida, quando ninguém está suficientemente amadurecido para sustentar ou mesmo perceber o sentido de realidade. O recém-nascido vive em uma linha de continuidade, numa existência que se estende ao outro – possuindo um Eu completamente evanescente. Apesar de algumas noções temporais, como as batidas do coração da mãe, o som de sua respiração e a alternância de seus movimentos, essa percepção sutil do tempo se resume à continuidade do ser (Dias, 2003). Como o bebê inicialmente habita um mundo subjetivo, introduzi-lo ao sentido de tempo e de espaço significa assegurar que estes aspectos sejam também subjetivos, isto é, respeitando as limitações do recém-nascido.

O lactente não tem consciência da existência da mãe, mas sente os efeitos de sua companhia e, gradativamente, cria uma memória dessa presença. Para manter a continuidade de seu ser e preservar seu mundo subjetivo, o bebê precisa da segurança da presença constante, formando o que Winnicott chamou de “ilusão de onipotência”. “Refiro-me ao processo bidirecional em que a criança vive num mundo subjetivo e a mãe se adapta, com o intuito de dar a cada criança um suprimento básico da *experiência de onipotência*” (Winnicott, 1967/2021, p. 23, grifos do autor). É como se aquilo que satisfaz a necessidade fosse algo criado pela única coisa que existe, ou seja, o bebê. Tudo que é externo é advindo dessa sua criação ou dos gestos espontâneos criativos (Fulgencio, 2016). Em um texto tardio de sua obra, chamado “O ambiente saudável na infância” (1967), Winnicott resume precisamente o que estou descrevendo aqui. Cito-o:

Estamos de novo diante de um tema muito amplo, um tema que diz respeito até mesmo a filósofos, já que temos que aceitar o paradoxo de que aquilo que o bebê cria já estava lá, e que o que o bebê cria na verdade parte da mãe que foi encontrada. A questão é que essa parte não teria sido encontrada se a mãe não estivesse nesse estado especial que permite às mães que se apresentem como se tivessem sido encontradas quase que na hora certa e no lugar certo. Isso é o que chamamos de adaptação à necessidade, que possibilita ao bebê descobrir *o mundo criativamente*. (Winnicott, 1967/2020, p. 79, grifos meus)

Na perspectiva do observador, é o ambiente que satisfaz as necessidades da criança, mas, para o infante, não existe um ambiente externo; existe apenas ele próprio, e os objetos surgem e desaparecem conforme suas necessidades, como se fossem criações suas. De maneira simplificada, acontece o seguinte: 1. o bebê sente fome; 2. a mãe oferece o seio (ou a

mamadeira); 3. para o bebê, o seio parece ter sido criado por ele mesmo (ilusão de onipotência). Dessa forma, “o ambiente deve evitar frustrar a criança, não forçando, prematuramente, o reconhecimento da realidade externa; *não lhe impondo* uma unidade para a qual ainda não está madura” (Fulgencio, 2016, p. 30, meus grifos).

No entanto, é importante ressaltar que o estado de dependência absoluta mencionado por Winnicott não se baseia apenas na fragilidade do bebê, nem sugere uma influência total do ambiente sobre um indivíduo que nasce como uma tábula rasa. Além disso, não está vinculado a um tipo específico de “dependência afetiva”, já que o bebê ainda não está maduro o suficiente para experimentar (e reconhecer) a variedade de afetos presentes nas relações humanas (Almeida & Naffah Neto, 2021).

Acontece que agindo dessa forma, ou seja, devotada aos cuidados iniciais da criança, a mãe possibilita que o bebê comece a experimentar a periodicidade do tempo, usando como referência seu próprio ritmo corporal. Com a repetição das experiências, um sentido de futuro, ainda que inicial, começa a se formar: o bebê aprende a antecipar o que está por vir, com base em suas necessidades satisfeitas pelos cuidados maternos. Se a mãe ou o ambiente, de maneira mais ampla, impõem ao bebê um ritmo externo, tanto a temporalidade subjetiva quanto a coesão psicossomática podem ser prejudicadas, se não totalmente impedidas. O paciente mencionado anteriormente, por exemplo, sofre de várias dores corporais, e essa foi uma das queixas principais que o levaram a buscar análise.

Além da integração, o desenvolvimento do sentimento de estar dentro do próprio corpo, ou o estágio de “personalização”, é igualmente importante. “Novamente, é a experiência instintiva e a reiteração das silenciosas experiências de cuidados corporais que constroem, gradualmente, o que podemos chamar de personalização satisfatória” (Winnicott, 1945/2021, p. 290). Nesta etapa, por meio da “elaboração imaginativa corporal”, o bebê vai aos poucos associando sua psique ao corpo. Esse processo complexo e delicado requer, mais uma vez, o suporte constante da figura cuidadora. Nas palavras de Winnicott:

Suponho que a palavra psique, aqui, significa elaboração imaginativa das partes, sentimentos e funções somáticos, ou seja, da vivacidade física. [...] Gradualmente, os aspectos psíquico e somático do indivíduo em crescimento envolvem-se num processo de inter-relacionamento mútuo. Essa interação da psique com o soma constitui uma fase inicial do desenvolvimento individual. (Winnicott, 1949/2021, p. 408)

O corpo elaborado imaginativamente é o corpo que respira, se move, descansa, mama, brinca etc. Tudo que é *experienciado* (Naffah Neto, 2007) pelo bebê, através do seu corpo, será *personalizado* pela elaboração imaginativa. *Grosso modo*, a conquista gradual do corpo está intimamente relacionada com o processo de espacialização do bebê. Durante todo o tempo em que a coesão psicossomática está ocorrendo pela via dos cuidados maternos, os braços da mãe e o corpo do bebê são uma e a mesma coisa, de modo que se pode dizer que “*a primeira morada do bebê é o próprio corpo do lactente no colo da mãe*” (Dias, 2003, p. 209, grifos da autora).

Por outro lado, é essencial para a adaptação inicial que a mãe saiba gradualmente se afastar, desfazendo as ilusões da criança. Segundo Winnicott, a criança não abandona a ilusão básica, que permanece por toda a vida se houver saúde, mas sim a ilusão de onipotência primária – uma etapa crucial para o desenvolvimento de relações sociais saudáveis. Com o tempo e com a saída de cena gradual da figura materna, o infante começa a entender que não é o criador do mundo, percebendo, então, que a realidade externa já existia antes de seu nascimento – independente de sua existência.

A criança precisa se libertar dos braços maternos, mas não deve ser deixada em um vácuo; ela deve transitar para uma área maior de controle, um espaço que possa simbolizar metaforicamente o lugar de onde partiu. Isso leva ao surgimento do “espaço transicional” – um dos conceitos mais conhecidos e difundidos de Winnicott (1971a). Este espaço representa uma zona intermediária de experiência, onde o infante começa a explorar a realidade externa enquanto mantém um vínculo com o ambiente de cuidado e segurança proporcionado pela mãe (contato com a realidade subjetiva).

Entretanto, o surgimento de fenômenos e objetos transicionais só é possível se a mãe – ou o ambiente primário – tiver exercido os cuidados necessários para o amadurecimento do bebê. Se ocorrer uma falha neste início – isto é, no período de dependência absoluta –, é provável que o espaço para a transicionalidade não se desenvolva. O objeto transicional, portanto, não ocupa um lugar nem inteiramente interno nem exclusivamente externo. Situa-se *entre* a ilusão de onipotência infantil e a gradual desilusão, representando uma escolha única e exclusiva da criança.

Este movimento de libertação, iniciado efetivamente no estágio da transicionalidade, mantém sua autenticidade ao longo da vida. Afinal de contas, não passamos grande parte de nossa existência em um impasse entre ir e ficar, prender e soltar, temer e enfrentar? Em momentos de extrema angústia, quem dentre nós nunca buscou consolo em uma oração, meditação, cantiga ou lembrança reconfortante? Frente a esses desafios que tocam a nossa essência humana, é nosso direito regredir aos estágios mais primitivos do desenvolvimento. Neste contexto, a confiabilidade do ambiente se revela essencial, mantendo sempre aberta a possibilidade de retorno, uma necessidade que persiste até a nossa morte. Isso nos abre para a ideia de uma existência plural e contínua, que dialoga com a plasticidade, possibilitando a concepção de diversas formas de ser e estar no mundo.

Em suma, podemos dizer que o “Eu” alcançado é o fruto de um longo e árduo processo de integração, iniciado nos primórdios da existência. Contudo, a unidade deste Eu não é completamente coesa, sem fraturas ou isenta de conflitos. Ao contrário, trata-se de um estado de integração espaciotemporal onde o Eu reúne todas as suas características, em oposição a elementos dissociados, dispersos ou abandonados (Dias, 2003). Paradoxalmente, essa conquista marca tanto um fim quanto um começo, pois o estado de “EU SOU”, o sentimento de ser real e de existir como uma identidade, “não constituem um fim em si mesmo, mas uma ‘posição a partir da qual a vida pode ser vivida’” (Winnicott, 1954/2009, p. 175, tradução minha).

O brincar infantil é o exemplo mais tangível dessas hipóteses. Uma paciente relatou que, desde a infância, tinha um amigo muito querido com quem vivia brincadeiras extraordinárias. Neste mundo transicional, não havia regras nem limites. Era um sonho compartilhado onde ambos podiam ser quem quisessem: homem, mulher, mãe, pai, bebê, professor(a), rei, rainha, policial ou ladrão. A natureza dessas identidades era irrelevante, representando uma vida delineada por infinitas possibilidades.

Para ela, aqueles foram os momentos mais preciosos de sua infância, tingidos pelas cores de uma liberdade genuína, desprovida de censura ou regras impostas. Essa liberdade se distingue principalmente da “lei do homem”, conceito que difere radicalmente da “lei do infante”. Ferenczi (1933) sabiamente aponta esta distinção ao falar sobre a “confusão de línguas”, na qual o adulto se expressa na linguagem da paixão e a criança, na linguagem da ternura.

A beleza desse relato, em minha visão, reside na maneira como ambos lidam com sua sexualidade até hoje. Eles são livres para serem quem quiserem, sem se prenderem a padrões ou à obrigatoriedade de seguir verdades impostas pela moral e pelos bons costumes. Apesar

disso, não se veem como transgressores, mas como almas independentes, que se afastam da lógica limitante do binarismo.

Quando o gesto espontâneo é respeitado no ambiente familiar, como neste caso, assistimos ao desenvolvimento de um ser que se constitui em torno da autonomia, a saber, da própria liberdade existencial.

Problematizando a sexualidade para Winnicott: uma visão sobre o ser e o fazer

Alguns adolescentes sofrem muito, e não oferecer ajuda pode ser crueldade. [...] À medida que deixam esse estágio, os adolescentes começam a se sentir reais e adquirem um senso de self e um senso de ser. Isso é saúde. *Do ser, vem o fazer, mas não pode haver fazer antes do ser – eis a mensagem que eles nos enviam.* (Winnicott, 1967/2021, pp. 25-26, grifos meus)

Esta citação destaca a importância que Winnicott atribui ao ser em detrimento do fazer. Como vimos anteriormente, é fundamental ter um ambiente que respeite, acima de tudo, a nossa alteridade e o nosso gesto espontâneo. Para o autor inglês, qualquer imposição externa, que atenda às vontades de quem cuida em detrimento de quem é cuidado, pode ser vista como um ato de extrema violência, uma violação da intimidade do self.

Com efeito, Winnicott associa a saúde à magia da intimidade, ao que somos capazes de descobrir em nossos núcleos mais reservados, livres da perturbação alheia ou das influências culturais, as quais frequentemente são impostas de maneira objetiva e cruel.

Ele aponta que a criatividade é um denominador comum entre homens e mulheres. “Em outra linguagem, entretanto, digo que *a criatividade é uma prerrogativa da mulher e, em outra linguagem ainda, é uma característica masculina*” (Winnicott, 1971b/2019, p. 120, grifos meus). Ao invés de destacar diferenças que geram dicotomia e polarização, Winnicott percebe que para alcançar o estágio do EU SOU, os elementos masculinos e femininos devem estar alinhados, trabalhando em conjunto, ao invés de estarem dissociados. Isso é essencial para sustentar o potencial criativo.

Na nossa cultura, predominantemente machista, vemos esses elementos masculinos e femininos, mencionados por Winnicott, agindo de forma independente (dissociados). Por exemplo, nos filmes de super-heróis, não é raro encontrar um personagem masculino forte e corajoso ao lado de um coadjuvante mais cuidadoso e delicado, representando simbolicamente a feminilidade. Há uma tendência a negar um espaço para os heróis sensíveis, já que a masculinidade, conforme compreendida popularmente, parece frágil demais para ser questionada. Esse movimento social reflete a necessidade de criar padrões que nos levam a rejeitar elementos subjetivos que fazem parte da nossa geografia psíquica, gerando, por vezes, divisões radicais. O historiador francês Ivan Jablonka aborda essa temática em seu livro “Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades”. Vejamos:

A demonstração de força, agressividade, a imposição de um papel, a obrigação de sucesso e a cultura da proeza são armadilhas que a sociedade prepara para os homens, e aquele que tem força para resistir se vê julgado por sua masculinidade. [...] O mandato pesa sobre o menino, o jovem, o soldado, o amante, o pai – todos são vítimas da alienação masculina. Uma criança é particularmente vulnerável à cultura machista. [...] Em muitas culturas, os pais proibem os filhos de chorar “como uma menina”. (Jablonka, 2021, p. 215)

Nesse cenário, se um menino brinca de varrer o chão, ele pode ser rapidamente rotulado como “afeminado” – comportamento oriundo do patriarcado, que denota uma profunda

insegurança cultural em aceitar a autenticidade individual. Como reação, surgem as polarizações extremas: tudo ou nada, oito ou oitenta, rosa ou azul, masculino ou feminino, certo ou errado, frequentemente alinhando o padrão heterossexual com o “certo” e considerando o seu oposto como “errado”.

Segundo Winnicott, o elemento “masculino” pode ser compreendido como transitando entre um relacionamento ativo ou passivo, ambos influenciados pelo instinto e pelos impulsos que direcionam a separação da unidade fusionada mãe-bebê. Por outro lado, o elemento “feminino” está relacionado ao seio (ou à figura materna), no sentido de que o bebê transforma o seio (ou quem o alimenta) em algo significativo, ou seja, há a presença de uma atividade neste fenômeno – esse ponto de vista certamente não limita o feminino a uma ideia de pura passividade.

O elemento feminino viabiliza o surgimento de um gesto que cria ilusão, uma perspectiva crucial do elemento masculino. Enquanto o feminino propicia tranquilidade contínua, o masculino inaugura a experiência ilusória. A ilusão se manifesta quando o bebê concebe o seio como objeto a partir de sua necessidade.

O “elemento feminino puro” possibilita a existência a partir de uma comunicação silenciosa, contrastando com o masculino que “cria” objetos sem quaisquer representações preexistentes. Dessa forma, emergem dois distintos modos de apercepção⁴ criativa: um decorrente do gesto e outro do ser. A apercepção gerada pelo gesto permite ao indivíduo acessar a realidade de maneira subjetiva, para somente depois compreendê-la objetivamente. Influenciado pelo elemento masculino, o indivíduo procura o mundo, alimentado por expectativa e esperança de encontrar o objeto desejado, abrindo caminho para uma objetividade personalizada.

Contudo, a apercepção oriunda do elemento masculino *requer* a experiência do feminino. É essencial ser e estar presentes para que o gesto possa remodelar o mundo. Ambas as facetas, originadas do feminino e do masculino, possibilitam a coexistência do subjetivo e do objetivo. A existência dessas dualidades – objetivo pessoal e subjetivo pessoal – constitui o que Winnicott chama de “viver criativo”. Esse modo de vida implica a capacidade de existir tanto de maneira subjetiva quanto objetiva, alcançando a compreensão objetiva do mundo sem perder a personalidade. Não à toa Winnicott destaca que, frequentemente, a criatividade é simplesmente estar vivo.

O elemento masculino faz, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) é. Nesse ponto, entram os homens da mitologia grega que tentaram ser em união com a deusa suprema. Essa também é uma forma de indicar a profunda *inveja que o homem sente da mulher*, cujo elemento feminino os homens consideram garantido, às vezes erradamente. (Winnicott, 1971b/2019, p. 133, grifos meus)

Além de propor a ideia de uma existência dinâmica (de uma continuidade do ser), que permite a regressão aos estágios iniciais do desenvolvimento maturacional, refletindo na plasticidade do ser e na concepção de sexualidade, Winnicott (1971b) desafia a noção freudiana da “inveja do pênis”. Ele afirma que, na verdade, é o homem que inveja os aspectos femininos, especialmente quando dissociados do self. Porém, vale salientar que, ao se debruçar sobre a problemática edípica, Winnicott foi atravessado pela psicanálise de seu tempo e acabou concordando com Freud sobre a inveja do pênis.

Para o autor, o início da vida de um bebê é marcado por dois estados fundamentais: a quietude e a inquietude. A inquietude surge das necessidades do bebê e está ligada à experiência

⁴ “Apercepção” é o termo empregado por Winnicott para dar conta da experiência subjetiva de estar fundido à mãe. Assim, a apercepção refere-se à possibilidade de ver a si mesmo ao ser visto pela mãe.

de ilusão, à ação e ao elemento masculino, como discutido anteriormente. Por outro lado, o estado de quietude favorece a comunicação silenciosa e está associado ao ser e ao elemento feminino (Safra, 2009).

No estado de quietude, a presença materna enriquece os aspectos sensíveis do corpo, proporcionando a vivência do feminino. Já no estado de inquietude, a experiência do masculino é incorporada à musculatura. Estas perspectivas oferecem à sensibilidade e à musculatura elementos imaginativos que se associam, respectivamente, ao feminino e ao masculino (Safra, 2009).

Na formação psicossomática de cada pessoa, existe uma combinação única de elementos imaginativos masculinos e femininos. Cada indivíduo, independentemente do gênero, apresenta em sua psique uma composição única desses elementos, que são influenciados pela maneira como sua corporeidade se desenvolveu.

Em síntese, a experiência do feminino e do masculino, desde as origens do amadurecimento, facilita a formação do sentido de si e a capacidade de trilhar um caminho na vida (de vir a ser e continuar sendo). Esse processo permite que o Eu se desenvolva e amadureça. Frequentemente, vivências específicas ou algumas circunstâncias podem interromper ou dividir os aspectos essenciais do self, tanto do ponto de vista feminino quanto masculino. Nessas ocasiões, surgem sofrimentos profundos, agonias impensáveis⁵, causadas por fenômenos que ocorrem no presente, e não no passado – como podemos constatar no exemplo da narrativa autobiográfica citada no início deste artigo, em que a minha própria existência era considerada “errada” dentro dos padrões heteronormativos da instituição escolar.

Partindo de uma compreensão winnicottiana, torna-se essencial reconciliar, em nosso íntimo, os elementos masculinos e femininos que compõem a nossa identidade. Winnicott nos leva a repensar a tradicional visão binária dos gêneros, promovendo uma compreensão mais complexa. Ele enfatiza que esses elementos são intrínsecos e fundamentais à nossa existência, transcendendo as limitações biológicas simplistas das categorias genéticas XX e XY. Segundo esta visão, a verdadeira essência de ser é a premissa para a ação; sem o “ser”, o “fazer” permanece inalcançável.

Em seu livro “Natureza humana”, o psicanalista britânico afirma:

É muito conveniente quando a sexualidade de uma criança se desenvolve de um modo predominantemente congruente com as características da constituição física, quer dizer, quando um menino é predominantemente masculino, e uma menina predominantemente feminina. No entanto, a sociedade *tem muito a ganhar tolerando a homossexualidade* quanto a heterossexualidade no desenvolvimento emocional das crianças. Uma forte identificação do menino com a mãe, e até mesmo um comportamento afeminado, podem ter valor quando o desenvolvimento do caráter é satisfatório em outros aspectos. Uma certa masculinidade não só é tolerada nas meninas, como é esperada e até valorizada. (Winnicott, 1988/1990, p. 66, grifos meus)

É no mínimo interessante encontrar uma citação deste calibre em uma das obras mais fundamentais de Winnicott. Esta passagem, a meu ver, evidencia a sua perspectiva progressista em relação às questões “espinhosas”, especialmente considerando o contexto da época. Ele reconhecia a fluidez na expressão de gênero e a importância da aceitação social das variações na sexualidade, incluindo a homossexualidade, como partes saudáveis do desenvolvimento emocional das crianças. Ao afirmar que a sociedade se beneficia da tolerância tanto da

⁵ As “agonias impensáveis”, para Winnicott, são experiências emocionais profundamente perturbadoras, geralmente originadas nas primeiras fases do desenvolvimento emocional, e estão relacionadas à sensação de desintegração, aniquilação, queda no vazio, ou perda do sentido de si e continuidade do ser.

homossexualidade quanto da heterossexualidade, Winnicott estava desafiando as normas de gênero rígidas e a heteronormatividade predominantes em seu tempo. Sua visão de que meninos podem ter características femininas e meninas podem expressar traços masculinos sem prejudicar o desenvolvimento do caráter era inovadora, enfatizando a diversidade e a flexibilidade nas expressões do devir humano.

Além disso, Winnicott aborda a sexualidade de um ponto de vista mais empirista, distanciando-se de conceitos psicanalíticos tradicionais. Ele rejeita a ideia de fantasias arcaicas e forças instintuais, ou pulsões, que são centrais na teoria freudiana. Sua visão sobre o Id, uma das instâncias psíquicas fundamentais na teoria de Freud, também é singular: ele considerava que o Id está inicialmente fora da experiência do recém-nascido.

Para Winnicott, o Id só se internaliza através da apropriação dos instintos pelo indivíduo, que ocorre por meio de um processo que ele descreve como “elaboração imaginativa corporal”. Essa ideia, destacada por Naffah Neto (2023), indica que o psicanalista britânico compreendia a sexualidade e o desenvolvimento psíquico não como um jogo predefinido de instintos, mas como um processo criativo e dinâmico, fundamentado na experiência individual e na capacidade imaginativa.

É por essa razão que a sexualidade infantil somente estará constituída, com algum nível de consistência e de permanência, após o processo de integração do self, quando a criança pode experimentar e usufruir das sensações eróticas num *continuum* de tempo não fragmentado e com uma articulação funcional entre corpo e psique, capaz de evocar a memória das sensações de prazer (sem mais depender das integrações fugazes, criadas pela presença do instinto. (Naffah Neto, 2023, p. 61)

Ancorado em sua teoria do amadurecimento, Winnicott explora o desenvolvimento da sexualidade infantil a partir de uma abordagem única. Segundo ele, a sexualidade começa a se formar em torno dos doze meses de idade, um estágio em que o self da criança já alcançou uma boa integração, sucedendo a fase do EU SOU. Durante este período, ocorre uma importante fusão dos impulsos agressivos e destrutivos com os impulsos eróticos.

Essa fusão é resultado da experiência reiterada do que Winnicott chama de *ciclo benigno*, que ocorre no estágio da concernência (estágio da consideração, conforme as traduções atuais). Nesta fase, o bebê é capaz de perceber a mãe como um objeto unificado e fantasias de ataques ao corpo materno são comuns. Esses ataques precisam ser sustentados pela sobrevivência da mãe, permitindo ao infante a oportunidade de *reparação*. Por meio dessa repetição – ataque, sobrevivência e reparação –, a criança começa a integrar os seus próprios impulsos agressivos e destrutivos, aprendendo a se apropriar deles sem tanto temor.

Por fim, é importante salientar que, para Winnicott, a sexualidade infantil é genuína e atrelada ao potencial criativo apenas quando emerge da experiência própria do bebê; isto é, ela precisa ocorrer de dentro para fora, após a integração dos elementos masculinos e femininos. Esta integração, como vimos, vai além das estruturas culturais binárias. Caso a sexualidade seja formada de fora para dentro, por meio de imposições e invasões ambientais, resultará em uma sexualidade falsa, predominantemente construída por mimetização do ambiente (Naffah Neto, 2023).

Algumas palavras finais

Deus é uma palavra composta de eus. Deus tem eu em si. E eu só posso acreditar em um Deus que também acredite em mim e por isso eu tive que reinventar esse conceito de Deus,

de eus. Deus é formado e *transformado* por todos os eus que já fui e por todas aquelas que eu ainda vou ser. (Linn da Quebrada em entrevista para o Pedro Bial, em agosto de 2020)

A teoria winnicottiana ainda tem muito a ser explorada, até mesmo nos círculos psicanalíticos dedicados ao seu estudo. Vale lembrar, contudo, que o próprio Winnicott nunca almejou transformar suas ideias em dogmas. Ao contrário, durante as acaloradas disputas na Sociedade Britânica de Psicanálise, provocadas por Anna Freud e Melanie Klein (entre 1941-1945), o psicanalista inglês manteve-se prudente e imparcial, não tomando partido em nenhuma das contendas. Essa postura levou à criação do *Middle Group* – ou Grupo Independente –, evidenciando sua distância de qualquer partidarismo.

Em uma ocasião, durante um colóquio internacional sobre as teorias de Winnicott, presenciei um conferencista alegando que a homossexualidade poderia ser uma patologia oriunda de um amadurecimento inadequado, gerando um “falso-self” cindido (e patológico), responsável pelo sofrimento “desses” indivíduos. Tal afirmação é claramente infundada. Se considerarmos a visão winnicottiana de que a raiz dos transtornos psicológicos reside em relações de submissão, seria mais lógico pensar que muitas expressões de heterossexualidade são igualmente falsas, isto é, são formadas por imposições externas – um exemplo disso foi a atitude da coordenadora da escola onde estudei na infância que retrata apenas uma das diversas intolerâncias culturais as quais presenciamos em nosso cotidiano. Minha indignação neste relato não reside apenas no mal-entendido sobre a teoria de Winnicott, mas na natureza preconceituosa da afirmação, principalmente ao vincular a homossexualidade a um suposto falso-self dissociado.

O mesmo equívoco é frequentemente aplicado às transexualidades, que englobam uma vasta gama de possibilidades de existir e interagir com o mundo. Essas possibilidades variam desde transformações hormonais e cirúrgicas para a transição de gênero (envolvendo os conceitos de homem e mulher) até mudanças legais de registro civil, abrangendo o uso de diferentes gêneros e aparências, podendo ser permanentes ou transitórias. Neste contexto, pode-se encontrar apoio nas noções de área transicional de Winnicott, considerando a sexualidade não como algo fixo e definitivo, mas como um espaço para a imaginação, o sonho e a liberdade.

Alguns críticos da psicanálise apontam para uma “epistemologia binária de gênero” na teoria (Butler, 2021 e Preciado, 2022). Vejamos, por exemplo, a seguinte citação do psicanalista Paul Preciado escrita para a ocasião de uma conferência proferida em 2019, nas jornadas internacionais da Escola da Causa Freudiana sobre o tema “Mulheres na psicanálise”:

As senhoras e os senhores organizaram um encontro para falar das “mulheres na psicanálise” em 2019 como se estivéssemos ainda em 1917 como se esse tipo particular de animal que chamam de “mulheres”, de forma condescendente e naturalizada, ainda não tivesse adquirido pleno reconhecimento como sujeito político, como se as mulheres fossem apêndices ou notas de rodapé, criaturas estranhas e exóticas sobre as quais é imperativo refletir de tempos em tempos, em colóquios ou mesas-redondas. Seria preciso antes organizar um encontro sobre “homens brancos heterossexuais e burgueses na psicanálise”, porque a maior parte dos textos e práticas psicanalíticas giram em torno do poder discursivo e político desse tipo de animal: um animal necropolítico que vocês tendem a confundir como o “humano universal”, e que permanece, até o presente, o sujeito da enunciação central nos discursos e nas instituições psicanalíticas da modernidade colonial. (Preciado, 2022, pp. 14-15)

Essa crítica, a meu ver, não é totalmente infundada. Precisamos, nesse sentido, avançar e reinterpretar conceitos formulados há décadas, que já não se alinham com a nossa realidade contemporânea. Devemos evoluir ou, caso contrário, ficaremos fadados a repetir os mesmos

erros, propagando clichês desgastados. Seria um destino lamentável para uma ciência nascida da desconstrução de paradigmas, ainda que marcada pelas normas de sua época.

Quando nos debruçamos sobre as ideias de Winnicott, apontadas ao longo deste artigo, constatamos que somos frutos da combinação entre os elementos masculinos e o femininos – trata-se de uma união que transcende estereótipos ou binarismos. Essa fusão se manifesta no nosso ser e fazer, conferindo contornos à nossa sobrevivência e viabilizando uma existência psicossomática autêntica para cada indivíduo.

É inegável que a sociedade impõe papéis baseados no sexo, subjugando as pessoas de acordo com gêneros predefinidos, influenciando desde costumes e vestimentas até a escolha profissional. Neste cenário, o indivíduo conforme pensado por Winnicott se opõe à cultura e aos sintomas sociais, resistindo a qualquer forma de submissão imposta. Essa perspectiva teórico-clínica pode ser uma fonte de inspiração para psicanalistas que, presos a teorias e conceitos ultrapassados, não exploram em seus escritos relatos de vida, experiências clínicas e as possibilidades de transformação. A propósito, faço referência a Gondar e Coelho Junior (2021):

Nesse sentido, todo dualismo carrega sempre um ranço moralista, do bom princípio e do bom caminho. Já vimos que, quanto ao dualismo masculino/feminino, o polo masculino acabou sendo privilegiado. [...] Mesmo que a natureza marque um limite para o humano, a cultura humana funciona como o polo agente desse par: é ela que é capaz de transformar a natureza e, de alguma maneira, dominá-la. [...] Caímos nessa armadilha quando estabelecemos uma oposição entre duas dimensões e procuramos pautar o nosso entendimento e nossas intervenções clínicas a partir daí: corpo/psiquismo, natureza/cultura, masculino/feminino. (Gondar & Coelho Junior, 2021, p. 215)

A citação nos convida a refletir sobre as limitações impostas pelos dualismos que permeiam nosso entendimento do mundo e da condição humana. A ideia de que cada par de opostos carrega uma carga moralista é um lembrete significativo de como as concepções binárias podem ser redutoras e simplistas. Ao destacar a supremacia do masculino sobre o feminino no dualismo de gênero, os autores iluminam as desigualdades intrínsecas a essas dicotomias. Eles enfatizam, ainda, a dinâmica poderosa entre natureza e cultura, onde esta última molda e até domina a primeira. Este ponto é crucial para entendermos como a cultura humana não apenas interage com, mas também reconfigura a nossa ontologia.

Na introdução do livro “Da pediatria à psicanálise” (2021), Masud Kahn escreve: “Era essa característica de ser inexoravelmente si mesmo que lhe permitiu ser tantas pessoas diferentes para cada gente. Cada um de nós que o conhecemos tinha seu próprio Winnicott, e *ele jamais atropelou* a maneira como o outro o inventava com a afirmação de seu modo pessoal de ser” (Kahn, 1975/2021, p. 11, grifos meus).

Ignorar os conselhos da coordenadora pedagógica foi, talvez, a ação mais subversiva que minha mãe poderia ter tomado por mim. Valendo-se de sua sensibilidade materna, ela percebeu a inutilidade de me moldar segundo os desejos alheios. O erro mais grave que um pai pode cometer é sucumbir a convenções moralistas, ecoando ideologias que suprimem a individualidade dos seus filhos. Graças à perspicácia de minha mãe e à compreensão afetiva de meu pai, consegui me tornar quem realmente sou. Ao ser autêntico, pude navegar através dos vastos contornos do pensamento de Winnicott, construindo o meu próprio entendimento sobre ele. Este caso ilustra como a psicanálise e as teorias de gênero podem se unir com o objetivo de fomentar um mundo menos opressivo e mais libertador.

Referências

- Almeida, A. P. (Org.). (2023a). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. Blucher.
- Almeida, A. P. (2023b). *Por uma ética do cuidado: Winnicott para educadores e psicanalistas (vol. 2)*. Blucher.
- Almeida, A. P. & Naffah Neto, A. (2021). A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24(3), 517-536. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p517-3>
- Ambra, P. (2022). *O ser sexual e seus outros: gênero, autorização e nomeação em Lacan*. Blucher.
- Butler, J. (2021). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Cunha, E. L. (2021). *O que aprender com as transidentidades: psicanálise gênero e política*. Criação Humana.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Imago.
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi. *Obras completas, vol. 4* (pp. 111-125). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Figueiredo, L. C. (2022). *A mente do analista*. Escuta.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas, vol. 6* (pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* Zagodoni.
- Fulgencio, L. (Org.). (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. Blucher.
- Gondar, J. & Coelho Junior, N. E. (2021). Psicanálise e normatividade. *Tempo psicanalítico*, 53(1), 202-220.
- Jablonka, I. (2021). *Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades*. Todavia.
- Kahn, M. (2021). Introdução. In Donald W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 11-74). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1988). Nota sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 369-371). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos*. Companhia das Letras.
- Moreira, M. M. (2023). *Freud e o casamento: o sexual no trabalho do cuidado*. Autêntica. (E-book)
- Naffah Neto, A. (2023). *Veredas psicanalíticas: à sombra de Winnicott*. Blucher.
- Naffah Neto, A. (2007). A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise. *Natureza humana*, 9(2), 221-242.
- Porchat, P. (2012). Psicanálise, gênero e singularidade. *Revista Faac Bauru*, 2(2), 195-202.
- Preciado, P. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Zahar.
- Reitter, J. N. (2021). *Édipo gay: heteronormatividade e psicanálise*. Zagodoni.

- Safra, G. (2009). Os registros do masculino e feminino na constituição do self. *Jornal de Psicanálise*, 42(76), 77-89.
- Winnicott, D. W. (1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In Donald W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 163-174). Artmed. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Winnicott, D. W. (2009). Tipos de carácter: el temerário y el precavido. In Donald W. Winnicott. *Exploraciones psicoanalíticas, vol. 2* (pp. 172-177). Paidós. (Trabalho original publicado em 1954)
- Winnicott, D. W. (2019). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In Donald W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (pp. 13-52). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1971a)
- Winnicott, D. W. (2019). A criatividade e suas origens. In Donald W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (pp. 108-140). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1971b)
- Winnicott, D. W. (2019). A localização da experiência cultural. In Donald W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (pp. 154-166). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1971c)
- Winnicott, D. W. (2020). O ambiente saudável na infância. In Donald W. Winnicott. *Bebês e suas mães* (pp. 73-82). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (2021). Desenvolvimento emocional primitivo. In Donald W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 281-299). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (2021). A mente e sua relação com o psicossoma. In Donald W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 408-426). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1949)
- Winnicott, D. W. (2021). A contribuição da mãe para a sociedade. In Donald W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 145-150). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1957)
- Winnicott, D. W. (2021). Vivendo criativamente. In Donald W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 43-61). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1966)
- Winnicott, D. W. (2021). O conceito de indivíduo saudável. In Donald W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 21-42). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1967)

Revisão gramatical: Filipe Pereira Vieira.

E-mail: filipepevi@hotmail.com

Recebido em outubro de 2022 – Aceito em março de 2024.